

Remoendo o passado: livros de memórias de militantes esquerdistas na Era Vargas

GIOVANNA DE ABREU ANTONACI*

Introdução

Um dos princípios básicos do trabalho de um historiador é analisar fontes. Um livro de memórias é sempre uma fonte inesgotável para análise, não apenas pelo texto escrito pelo autor. O objetivo do presente texto é buscar além dos testemunhos ou da trajetória do autor - todos militantes de esquerda presos nos cárceres da Era Vargas – mas também os motivos que levaram estes autores a escreverem suas memórias, bem como o contexto histórico em que elas se inserem.

Sobre o que levou os autores a escrever seus textos, Marcelo Badaró, Marisa Mello e Julia Monnerat (2010), fazem colocações cruciais. Devemos analisar cada autor e seu respectivo livro de maneira individual, porém, podemos tecer considerações gerais em torno dessas obras, como o fato de ter uma grande quantidade de livros de memórias escritos durante a reabertura política da Ditadura Militar, no fim dos anos 1970. Segundo os autores, esses militantes escolhem escrever suas memórias numa tentativa de resgate de lutas feitas ao longo das duas ditaduras que o Brasil viveu – o Estado Novo e a Ditadura Militar, já citada. É, além de uma estratégia de luta pela valorização do regime democrático, uma forma de conseguir reconhecimento pela sua trajetória de militância, pessoal e das suas organizações, no caso aqui, o PCB, representado como vanguarda de luta dos trabalhadores brasileiros. (Idem; 2013: 8) Estes militantes, por fazerem parte de uma mesma organização, se encontravam, conversavam, inclusive sobre suas experiências, e por isso, podemos ver em alguns momentos uma proximidade do discurso. Seus escritos também foram influenciados pelos livros anteriores, escritos principalmente durante o período democrático na década de 1950 e 1960. (Idem; 2013: 20)

Segundo Pierre Bourdieu, devemos interpretar o documento em si, o que ele chama de “estatuto social do documento”, ou seja, qual o objetivo do autor ao escrever o texto

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade Federal Fluminense. Bolsista do CNPq.

(BOURDIEU; CHARTIER, 2011: 234). Gerárd Genette também faz considerações nesse sentido, ao alertar para a importância dos “paratextos”. Diz ele:

“(...) definir um elemento de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta onde?), sua data de aparecimento e às vezes de desaparecimento (quando?), seu modo de existência, verbal ou outro (como?), as características de sua instância de comunicação, destinador e destinatário (de quem? a quem?) e as funções que animam sua mensagem: para fazer o que?” (GENETTE; 2009: 12)

Alfredo Bosi argumenta que a literatura de testemunho deve ser analisada com bastante cuidado pelo historiador, pois, ela não é, nem apenas realidade, nem apenas ficção, ficando entre estes dois gêneros. (MATTOS; 2010: 146) A maioria dos livros tratados aqui se pretendem idôneos em relação ao que apresentam ao leitor, porém, pelo contrário, são todos relatos de testemunhas, que estiveram presentes apenas em alguns momentos e lugares, por isso, uma visão parcial. (BOSI; 1995: 109/310) Também precisamos lembrar de Bourdieu e seu texto sobre a ilusão biográfica, onde ele insiste em diversos problemas cometidos pelas pessoas que escrevem sua auto-biografia ou a biografia de outrem. (BOURDIEU; 1998: 184) Como uma tentativa de escrever de forma linear sua trajetória, a maioria dos autores começa sua narrativa com o nascimento ou descrevendo sua família. Apenas Graciliano Ramos e Heron Pinto não pretendem escrever toda a sua trajetória de vida, mas apenas suas experiências carcerárias.

Análise das fontes

Heron Pereira Pinto e o *Nos subterrâneos do Estado Novo*

O livro foi lançado em 1950, pela editora Germinal. Heron era um jornalista e sindicalista, preso em 1935 e solto na chamada “macedada”¹. Em julho foi admitido no jornal “A Rua”, onde lançou várias reportagens sobre sua vida na prisão. Estas reportagens foram unidas e publicadas no presente livro. (PINTO; 1950: 15)

Tanto o prefácio, feito pelo conceituado jornalista e escritor marxista Edmundo Muniz, quanto a nota dos editores (*Interessantes relato do autor, que esteve encerrado nas masmorras da Cada de Detenção e da Colônia de Dois Rios*), e inclusive um texto destinado

¹ A “macedada” foi como ficou conhecida a libertação em um mesmo processo de cerca de 400 presos que não tinham processo formal, empreendida pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Macedo Soares, em 1937.

aos leitores (*Aos leitores*), são carregados de acusações a Getúlio Vargas, Filinto Muller e o Estado Novo como um todo. São expressões como “regime do Terror” e “desempenhar entre nós, o papel de Hitler e Mussolini”, todas estas no prefácio. A seguir, os editores mantêm o tom ao dizer que não é apenas um texto, mas sim fatos que aconteceram ao próprio escritor, que esteve nos “cubículos infectos e desumanos” da Casa de Detenção e da Colônia Correccional de Dois Rios. Além disso, apresentam o texto como sendo uma coletânea de reportagens e o autor como um jornalista profissional, provavelmente para reforçar a veracidade das informações ali contidas.

Não sabemos claramente por quem foi escrita a nota aos leitores, mas provavelmente é uma apresentação feita pelo próprio autor. Nela diz-se: “Nas folhas seguintes, o leitor não encontrará fantasia e sim realidade um pouco esmaecida, talvez para não incorrer o autor na incredulidade do leitor, diante dos fatos deprimentes (...)” (Idem: 14)

O motivo pelo qual o tom do texto é tão severo é, provavelmente, mais do que o claro ódio ao ditador e seus funcionários. Em vários momentos destes textos iniciais, são feitas alertas a população de que o terror de Getúlio Vargas está prestes a voltar nas eleições de 1950 e o povo deve impedir isso. Edmundo diz, por exemplo, que: “A experiência do passado deveria ser uma lição para o presente. Mas que vemos? O ditador, que suprimiu o direito de greve e a autonomia dos sindicatos, ressurgir no cenário da política nacional como líder da classe trabalhadora.” (Idem, “Prefácio”: s/p)

Quanto à editora Germinal, não foi fácil achar informações, ainda que, aparentemente, ela tenha funcionado por bastante tempo. Foi fundada no Rio de Janeiro em 1947 por Roberto das Neves, um português anarquista, e funcionou, pelo menos até 1981, data de uma entrevista encontrada na internet. O fato de a editora ser anarquista nos faz supor que Heron Pinto também o era, porém, não podemos ter certeza desta afirmação, visto que o jornalista que escreveu o prefácio era marxista, uma doutrina criticada por Roberto das Neves.

Graciliano Ramos e o *Memórias do Cárcere*

Escolhemos o desafio de analisar a consagrada obra de Graciliano Ramos, pois, pela sua fama, tivemos mais informações não apenas acerca do livro e do autor, mas também de outros fatores concernentes à publicação. Por isso, teremos a oportunidade de fazer uma

“sociologia das mediações”.² A forma como os críticos e repórteres receberam esta obra também pode servir como um estudo da recepção da obra. (HEINICH; 2008: 91)

Resumidamente, Graciliano Ramos foi um dos mais importantes escritores brasileiros do século XX. O alagoano contribuiu, junto com José Lins do Rego, Jorge Amado e outros, para a divulgação da vida sertaneja, principalmente na editora de José Olympio. Tendo Graciliano ingressado no PCB em 1945, o autor aponta o contato com outros militantes comunistas na prisão como um fator determinante para a sua decisão. Ainda que tenha permanecido no partido até a data de sua morte, em 1953, sempre divergiu de algumas diretrizes do PCB, especialmente de suas orientações estéticas (MELLO; 2010: 132).

O livro *Memórias do cárcere* foi escrito de 1946 a 1953, sendo praticamente acabado. (Idem: 136) Nele, Graciliano comenta a ideia, que às vezes vinha a sua cabeça, de escrever um livro de memórias sobre sua vida carcerária, pois, escreveu, ao longo desse período, dezenas de páginas sobre as situações mais assustadoras de sua vida. Quanto aos motivos que levou Ramos a esperar dez anos para a publicação de seu livro, o prefácio escrito por Nelson Werneck Sodré³ nos é esclarecedor. Segundo Sodré, ao mesmo tempo que Graciliano pensava em como escrever, a forma de escrita, o que ia dizer, também contava de uma indisposição para tal, e algumas vezes fugia dessa conversa com os colegas, chegando a ser um assunto bastante delicado. (RAMOS; 1982: p.9)

No primeiro capítulo do livro, Graciliano esclarece que esperou que alguém mais capacitado escrevesse algumas memórias sobre as prisões brasileiras, mas como ninguém tinha tomado essa decisão – provavelmente o livro de Heron não foi divulgado plenamente, ou não foi considerado importante o suficiente – teve que tomar esta responsabilidade. A pessoa “mais capacitada” devia ser alguém que fizesse parte do partido, que tivesse alguma experiência de luta e militância, tema que Graciliano julgava não compreender o suficiente. Alerta ainda para a ausência de notas, o que poderia ser considerado um problema, mas que ele vê como uma liberdade para contar segundo suas memórias, sua visão mais subjetiva (Idem: 33-34). E por isso, um historiador deve se manter alerta quanto à veracidade dos fatos

² Segundo Nathalie Heinich, uma obra de arte precisa de mediação para encontrar espaço no mercado, tais como, marketing, contatos com colecionadores, críticas especializadas, peritos, avaliadores, historiadores da arte para interpretá-las, editores e impressores. (HEINICH; 2008: 88)

³ Usamos aqui a 15ª edição do livro, como consta na bibliografia.

num livro de memórias, não apenas um que assume sua parcialidade, mas também os que afirmam que são todos fatos verídicos. Outro fator que certamente influenciou Graciliano Ramos na escrita destas memórias, foi a crítica ao uso de pseudônimos. Avisa no início do livro que não mudou o nome de nenhum dos personagens, mas que não julga que será um problema, dado o tempo que as coisas se passaram. Ainda, argumenta que a publicação provavelmente será póstuma. (Idem: 35)

Embora Graciliano mantivesse a modéstia que lhe era característica e alertasse para a subjetividade de sua obra, Sodré afirma que é o relato de uma época complicada na história de nosso país (Idem: 9). Diz ainda que “Muitos estavam, pois, em condições de depor – mas raros em condições de dar ao depoimento o cunho da eternidade.” (Idem: 12) De fato, o livro se tornou um clássico literário, ultrapassando os limites de um testemunho.

Por simples falta de espaço, não nos aprofundaremos aqui na discussão sobre a diferença entre a literatura do realismo socialista, encampada no Brasil por Jorge Amado, e o realismo crítico, típico de Graciliano Ramos, mas que não era aprovado na URSS como uma literatura revolucionária. Concentraremos aqui apenas a principal diferença entre essas duas literaturas. Os livros de Jorge Amado costumam ter uma clara divisão de caráter entre o herói e o vilão, sendo este herói o responsável por transformar a vontade coletiva em ação, o homem que liberta a população do jugo dos opressores. Estes estereótipos são usados para expor a figura do herói, do homem praticamente perfeito, cujo poucos traços negativos são insignificantes diante da missão de mudar os destinos da humanidade (MELLO; 2010: 143). Já Graciliano Ramos, apresenta em seus livros um conflito de caráter, principalmente no *Memórias do cárcere*, em que ele sempre ressalta as mudanças de opinião em relação aos presos comuns e a ele mesmo (MATTOS; 2013: 13). Enquanto o livro de Jorge Amado era publicado quase como uma versão oficial de sua experiência, o de Graciliano sofreu tentativas de censura e foi repreendido pelo PCB (Idem: 15), ainda que ele fosse um membro do partido.

Memórias do cárcere foi publicado pela editora José Olympio⁴ em 1953, na época uma das editoras mais proeminentes do mercado editorial. Atualmente se encontra na 45ª

⁴ José Olympio era um editor mais ligado ao conservadorismo do que ao comunismo, porém, provavelmente pela sua amizade de longa data com Graciliano Ramos e com Jorge Amado, ele continuou publicando os livros dos comunistas, inclusive quando Graciliano estava na cadeia, quando foi publicado *Angústia*. Apenas na década de 1960, José Olympio libera as obras de Ramos para outras editoras, quando a Livraria Martins Editora compra os

edição, pela Editora Record. O maior problema em relação à publicação do livro foi justamente o conteúdo e não a forma. O livro tinha o objetivo de mostrar sua experiência de preso político na Era Vargas, claro com críticas ao ditador. Porém, alguns membros do PCB, assim como o partido enquanto instituição também não foram poupadas. Ao contrário da diretriz de criação de heróis do realismo socialista, Graciliano encontrou fraquezas e contradições em vários militantes consagrados, inclusive em Prestes. (Idem: 145-6) Por causa disso, antes da publicação, e depois da morte de Graciliano, o PCB chega a pedir a família os originais do livro para fazer as mudanças necessárias, porém a família não aceita. (Idem: 155) Não sabemos até onde foram os cortes feitos no processo de edição e o manuscrito nunca foi publicado, porém, podemos ver aqui o que alguns historiadores, como Chartier, chamam de instabilidade do texto. No caso uma instabilidade dentro do próprio processo de produção do texto para publicação, além da instabilidade na circulação deste texto.

Esta polêmica com o livro ainda no prelo rendeu uma enorme repercussão quando na época da publicação do livro. Todos os 10 mil exemplares da 1ª edição acabaram em menos de um mês e meio, todos os jornais noticiaram o livro e vários intelectuais fizeram homenagens a Graciliano Ramos e/ou defesas a José Olympio e sua integridade editorial. (MELLO: 156)

Publicamente, o PCB se manteve calado até 1955, quando Milton Pedroza, um escritor engajado com o movimento do realismo socialista, escreveu sobre a obra para o jornal comunista *Imprensa Popular*. Pedroza elogiou Graciliano Ramos, sua forma de escrita e seus livros. Marisa Mello alerta para a nova conjuntura cultural do PCB quando da publicação deste artigo. Primeiramente, depois da morte de Stálin, também em 1953, suas diretrizes passaram a ser vistas de forma mais crítica, muito dogmática e mitológica, e, nesse caminho, também o realismo socialista é criticado. Em segundo lugar, depois de ver a repercussão do livro, bem como o aumento da fama de Graciliano Ramos, o PCB percebeu uma vantagem em se vincular ao autor, dizer que ele era um comunista, membro do partido. (Idem: 157-8)

Infelizmente não foi possível achar a 4ª edição do livro, já lançado pela Livraria Martins Editora⁵. Porém, na 6ª edição já vemos o prefácio de Nelson Werneck Sodré, escrito, na verdade, em janeiro de 1954, como ele mesmo assinou. Este prefácio é o mesmo que vemos nas edições publicadas pela Record. Neste texto, Sodré apresenta, antes de um escritor proeminente, um grande amigo, que passou por muitas dificuldades depois de sua prisão. Vale lembrar que estes dois escritores se encontravam com frequência na livraria de José Olympio, ou seja, podemos ver aqui uma rede de sociabilidade entre os escritores e editores.

Agildo Barata e o *Vida de um revolucionário*

Este tenentista é um dos nomes mais falados nas obras de testemunho, inclusive no aclamado livro de Graciliano Ramos. Agildo Barata foi um jovem oficial do Rio de Janeiro e assistiu de perto as revoltas tenentistas de 1922. Já no Exército, esteve presente na Revolução de 1930, depois, decepcionado com o governo de Getúlio Vargas, foi para a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, quando foi preso pela primeira vez. Exilou-se em Portugal, e quando voltou para o Rio de Janeiro, foi comerciante antes de conseguir voltar ao Exército. Estava cumprindo pena por aproximação a Aliança Nacional Libertadora no 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, quando foi deflagrada a Insurreição de 1935. Esta sublevação lhe rendeu dez anos de prisão, até 1945, quando do fim do Estado Novo.

Para entender os motivos da publicação de tais memórias, precisamos avançar até o momento em que Barata pede demissão do partido, em maio de 1957, um período que o militante guarda com grande mágoa, como vemos em seu relato. Ao saber das acusações de Kruchev a Stalin, primeiramente, Barata defendeu o ex-ditador, até que soube, de fontes confiáveis, que o relatório não era mentira, e que realmente muito do relatado tinha acontecido e, possivelmente, mais do que foi dito. A partir dessa informação, resolveu cobrar do partido uma revisão de todo o programa do PCB, a fim de repensar a influência de Stalin na ideologia comunista. Porém, suas propostas foram recusadas pelo núcleo dirigente do partido, o que lhe decepcionou muito. Podemos ver nesta passagem o quão insatisfeito ele ficou diante de tal postura:

⁵ Pela editora Martins e Record, o livro foi publicado em dois volumes. A partir de 2001, a última edição, passou a ser publicado em volume único.

“Por que o partido se transformou nessa máquina de forjar unanimidades contra a opinião dessas mesmas unanimidades? Por que o partido não é uma organização democrática na fase de discussão, mesmo que venha a ser um bloco monolítico na fase de execução? É isto necessário? Inevitável? Que consequências trazem uma tão absurda e anti-socialista conduta?” (BARATA; 1962: 362)

Por conta disso, pediu demissão do partido, mas não revelou os motivos em sua carta. Porém, uma semana depois de seu pedido, o núcleo dirigente respondeu com uma matéria no jornal “Voz Operária”, em que diz que tal núcleo decidiu expulsar Agildo Barata. (Idem: 352-62)

Logo, percebemos que suas memórias, publicadas em 1962, pela Editora Melso S.A., têm por objetivo não apenas refletir sobre sua trajetória e os acontecimentos que o formaram enquanto revolucionário, como explicita na apresentação do livro, mas também, e principalmente, poder dizer a sua versão e se defender das calúnias ditas. Nesta mesma apresentação, faz questão de frisar sua ideologia contra um sistema que mata pessoas de inanição, como foi o caso de sua mãe, enquanto outras têm mais do que precisam para viver. Ele acredita que ainda é possível uma divisão de riquezas mais igualitária e racional. (Idem: 7) Esta necessidade de ressaltar sua ideologia é importante, pois, diante das inúmeras críticas feitas pelos militantes comunistas, era necessário que ele se afirmasse enquanto revolucionário, ainda que não fosse mais um membro do partido. É uma forma de legitimação enquanto militante independente. (MATTOS; 2013: 9)

Temos poucas informações sobre a primeira editora do livro, a Editora Melso S.A. Sabemos apenas, pelo manifesto publicado no ato de sua inauguração, em maio de 1957, que é uma empresa que pretende “realizar uma obra de patriotismo são”⁶ e que tem como fundador/ incorporador Manoel de Souza Sobrinho. O “patriotismo” pode estar relacionado a uma aproximação com a vida militar, porém, esta ideia está presente tanto nos discursos da direita quanto da esquerda, por isso é melhor não fazer especulações pouco conclusivas. Quanto à segunda editora, a Alfa-Ômega, que publicou a segunda edição de seu livro em 1978, falaremos melhor em breve. Cabe aqui dizer que este livro não consta no catálogo do site da editora.

⁶<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2716409/dou-secao-1-18-05-1957-pg-63/pdfView>

Leônicio Basbaum e o *Uma vida em seis tempos*

Leônicio Basbaum nasceu em 1907, em Recife e veio para o Rio de Janeiro em 1924, para estudar na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha. Nesta cidade conheceu alguns militantes comunistas, como Astrogildo Pereira e em 1926 filiou-se ao PCB. Foi preso em vários momentos por fazer parte do partido, inclusive depois das revoltas paulistas de 1932. Foi expulso do partido antes de 1935 e por isso não participou das insurreições, porém, foi convidado a retornar em 1936. Esteve preso de 1940 a 1942. Em 1944, já com sinais de retorno a democracia, trabalhou na organização da Editora Vitória, ligada ao PCB. Depois de sair gradativamente do partido, na década de 1950, fundou sua própria editora, a Agência Literária (Edaglit), publicando alguns de seus livros, hoje publicados pela Alfa-Ômega. Sua editora foi fechada no início da ditadura militar.

Faleceu em março de 1969, aos 61 anos, apenas três meses depois de terminar suas memórias. Vale ressaltar que estas não receberam a revisão necessária por parte do autor e sua primeira edição é publicada, em 1976, sem qualquer alteração. Já a edição de 1978 foi revista, muito provavelmente, com as mudanças necessárias a época da escritura do texto. Ambas as edições foram publicadas pela Alfa-Ômega e o livro ainda faz parte do catálogo da editora.

Em nenhuma das edições existe qualquer apresentação do livro que não seja a escrita pelo próprio autor, salvo o aviso da primeira edição de que o texto se manteve original. Basbaum apresenta suas memórias como um exercício de auto-avaliação. Diz que, aos 60 anos, é uma boa idade para qualquer pessoa refletir sobre sua própria vida. (BASBAUM; 1978: xviii) Além disso, assume um pouco de vaidade, de tentativa de mostrar o mundo tal como o viveu. Outros motivos são o fato dos amigos apelarem por um livro de memórias e ter participado, por mais da metade de sua vida, do PCB e dos ideais de liberdade do povo brasileiro. (Idem: p.xv) Diz ele: “De qualquer modo acredito que este trabalho será uma contribuição para uma futura história do PCB: como nasceu, como viveu e morreu.” (Idem; xvi)

É interessante notar que ele apresentou uma preocupação em relação aos envolvidos, alertando para o uso de pseudônimos, salvo as pessoas que já morreram, as que permitiram a publicação ou os que são nomes tão conhecidos do DOPS ou do FBI que mais uma citação

não faria mais diferença. (Idem) Ainda que suas memórias tenham sido publicadas apenas em 1976, ele começou a escrevê-las no período de forte repressão, em 1967, e por isso, precisava garantir que, quando fosse publicado, seu livro não apresentaria maiores problemas.

Inclusive, é este o motivo pelo qual suas memórias demoraram a ser publicadas: ainda nos anos 1960 existia um quadro de censura bastante forte, que mudou apenas na segunda metade da década de 1970. Em 1973 foi fundada a Editora Alfa-Ômega, já com uma linha de esquerda, e, em 1976 foi publicada, por esta mesma editora, um dos primeiros livros da chamada “distensão”, a abertura gradual e segura em relação ao mercado editorial. (HALLEWELL; 2005: 590) No site da editora, vemos que seu lema é: “Há 40 anos publicando o pensamento crítico brasileiro!”, com obras de Slavoj Zizek, Marx e Engels, Astrogildo Pereira e Fidel Castro. Outros livros de Basbaum ainda se encontram no catálogo da editora.⁷

Gregório Bezerra e o *Memórias*

Este militante tem uma das biografias mais emocionantes do movimento de esquerda do século XX. Nascido em 1900, no sertão de Pernambuco, começou a trabalhar com apenas quatro anos, ao lado dos pais, na lavoura de cana-de-açúcar. Aos 17 anos foi preso por participar de manifestações pró-Revolução Russa e se tornou amigo de um cangaceiro que também estava preso. Em 1922 entrou para o Exército e, depois de se alfabetizar, pôde subir na hierarquia e se tornar instrutor de Esportes e da Companhia de Metralhadoras Pesadas, na Vila Militar, Rio de Janeiro. Em 1930 filiou-se ao PCB e foi um dos líderes da Insurreição Comunista de 1935, no Recife, condenado a 28 anos de prisão, sendo cumpridos em Fernando de Noronha, na Ilha Grande e na Casa de Correção, na capital federal. Solto em 1945, quando do fim do Estado Novo, voltou a prisão assim que se deu o Golpe Militar de 1964, permanecendo preso até 1969, quando foi trocado, junto com mais 14 presos políticos, pelo embaixador americano Charles Burke Elbrick. Viveu no México e na URSS até 1979, quando voltou com a lei de anistia e, se desligou do PCB por conta de divergências. Ainda em 1979 começou a escrever suas memórias, na URSS. (BEZERRA; 2011: 13) Morreu em 1983, em São Paulo.

⁷ <http://www.alfaomega.com.br/>

A primeira edição de seu livro foi publicada pela Editora Civilização Brasileira em dois volumes. O primeiro, publicado em 1979, como o 127º livro da Coleção Retratos do Brasil, narra a sua vida até 1945. O segundo volume, publicado em 1980, como o 130º livro da mesma coleção, fala sobre sua vida de 1946 a 1969. É interessante ver, que pelas datas, ele pretende apenas contar a sua militância no Brasil, nas duas ditaduras de nossa república.

Na primeira edição não existe qualquer apresentação ou prefácio, a não ser o texto na orelha do livro, escrito pelo próprio dono da editora, Ênio Silveira. O primeiro capítulo já começa com o nascimento do autor, ou seja, nem ele mesmo fez alguma apresentação de sua obra ou dos motivos pelos quais escolheu escrevê-la. No primeiro volume, o título deste texto é “Feito de ferro e de flor”, aludindo a um suposto poema de literatura de cordel, não identificado. Ênio enaltece a vida de Gregório e sua trajetória de luta contra os opressores. Diz ainda que: “Gregório Bezerra está com quase oitenta anos e, olhando para trás, verifica que o sentido verdadeiro de sua vida tem sido, mesmo, o de “perturbar”, lutando lado a lado com os humilhados e ofendidos contra a injustiça, a prepotência e a opressão.” Já na nota de orelha do segundo volume, Ênio escreve outro texto, denominado “Lutar é viver”, com mais ênfase na militância decorrente do golpe de 1964. Sobre isso, é interessante ver como, segundo o editor, Gregório lamenta o fato do golpe ter sido dado pelas mãos das Forças Armadas, corporação a que pertenceu por décadas e com orgulho.

Em 2011 a Editora Boitempo, reeditou o livro de Gregório Bezerra em volume único, com apresentação de Anita Leocádia Prestes, cronologia do militante, fotos, artigos, depoimentos e cartas. Esta editora, criada em 1995, ganhou um grande espaço entre a literatura acadêmica pelos temas variados, como economia, política, história, televisão, ditadura militar, capitalismo, filosofia, ciências sociais, ética, meio ambiente e outros. Ainda possui as coleções “Estado de Sítio”, “Mundo do Trabalho”, dirigida por Ricardo Antunes, “Marxismo e Literatura”, mantida por Leandro Konder e “Paulicéia”, de Emir Sader. Está reeditando as obras de Marx e Engels e produz a revista “Margem Esquerda”.⁸ Percebemos, assim, uma linha editorial marxista nesta editora, o que, para além dos ideais é bastante lucrativo, visto que era uma fatia do mercado que estava carente de publicações mais atuais.

⁸ <http://www.boitempo.com/>

Não sabemos como foi o processo de venda dos direitos da obra de Gregório para a Boitempo, porém, podemos afirmar que, dado o catálogo da empresa, este livro entra como um complemento conveniente. Em outra editora, provavelmente, estas memórias não teriam tanto destaque. A forma como se deu a produção do livro já nos mostra o tamanho do investimento, logo a expectativa de lucro. A nota de orelha fica a cargo de Roberto Arrais, amigo pessoal de Gregório Bezerra, que o acompanhou desde sua volta do exílio até sua morte. Destaca não apenas a sua militância contra o sistema e contra o latifúndio, como também sua doçura, um homem que foi, ao mesmo tempo, forte e terno, não guardando rancor nem mesmo dos homens que o torturaram. A seguir, a editora apresenta o livro e as inovações implementadas, como os anexos e os índices cronológicos e onomásticos, para facilitar a compreensão do leitor. Avisa ainda que manteve o texto original, mesmo com certos equívocos cronológicos. Interessante que, nesta nota editorial, chama os leitores a ajudar na identificação de certas pessoas desconhecidas das fotos. Isso já demonstra uma intenção de publicação de outras edições, com as correções necessárias. (BEZERRA; 2011: 9-10)

A apresentação de Anita Prestes, datada de março de 2010, ressalta não apenas o homem político e público, mas também um dos amigos de seu pai, com quem morou durante alguns meses, enquanto ainda era criança. De todos os militantes, segundo Anita, Gregório se destacava pela sua dedicação e humanismo. Ela ainda fala de como ficava feliz quando o encontrava, não apenas no exílio na URSS, mas também nos encontros do partido. Termina sua apresentação torcendo para que o livro sirva de inspiração aos jovens de hoje em dia, aos que estão empenhados numa transformação profunda no país, que abra espaço para um futuro de justiça social e liberdade.

Podemos ainda destacar o trabalho gráfico desta edição, com cerca de 65 imagens relacionadas ao militante, a maioria em papel especial. Ainda tem, no fim do texto, além dos anexos já citados, uma homenagem de Florestan Fernandes publicada a época de seu falecimento, outra de Eduardo Campos, o poema integral de Ferreira Gullar – que na edição anterior Ênio Silveira julgava ser literatura de cordel anônima – um poema de Francisco Julião, líder camponês, as alegações finais de Mércia Albuquerque no processo político que respondeu na Ditadura Militar e as cartas que eles trocaram na mesma época, e, por fim, uma carta de Gregório aos camponeses, escrita um mês antes de sua morte.

Heitor Ferreira Lima e o *Caminhos Percorridos*

Heitor Ferreira Lima nasceu em Corumbá, em Mato Grosso e veio para o Rio de Janeiro em 1922, onde conheceu o comunismo. Esteve no PCB de 1923 a 1942 e teve uma militância destacada, por ser o primeiro brasileiro a participar da Escola Leninista Internacional de Moscou, de 1927 a 1930. De volta ao Brasil, firmou-se no meio jornalístico, especializando-se em desenvolvimento industrial e economia, área que publicou alguns livros.

Lançado pela editora Brasiliense em 1982, seu livro de memórias se pretende como um relato diferente de tudo até então visto, com novos documentos e a versão de um brasileiro com visão privilegiada dos acontecimentos. Já no início do prefácio, Paulo Sérgio Pinheiro agradece pela publicação de um livro tão esperado. Depois diz que tais memórias de Lima são, na verdade, um pretexto para fazer uma análise do PCB, assim como sua atividade política, desde sua fundação até os anos 1940. (LIMA; 1982: 7) Pinheiro ressalta que Heitor é um historiador, e que, por isso, seus escritos serão importantes não apenas aos que gostam de ler memórias, mas aos que tem interesse em fazer uma arqueologia do partido. (Idem: 9)

Pinheiro promete um ângulo diferente de qualquer outro livro de memórias – que a época já eram em um número considerável. Isso se deve pelo fato de Lima ter sido o único brasileiro a fazer parte dos festejos do 10º aniversário da Revolução Soviética e ter morado naquele país por cerca de três anos, ainda na década de 1920. Ainda diz que o chamado Dr. Heitor Ferreira Lima tem posse de documentos que nenhum outro militante teve, o que lhe permitiu entender de outra forma alguns acontecimentos. (Idem)

Este mote de “raridade do testemunho” é seguido pelo próprio Heitor na parte denominada “Justificativa”. De fato, é este seu principal objetivo.

“Parece-me assim justificada a narração que vou fazer aqui, não propriamente da minha vida que nada tem de especial, mas desses fatos e episódios em que tomei parte ou que lhe dizem respeito muito de perto.

Nesse caso, o eu será aqui mero pretexto ou servirá apenas como um fio condutor para referir esses acontecimentos e traçar ligeiros perfis das personagens a eles ligados. (...) No entanto, embora detestável, impõe-se aqui, para definir atitudes, delimitar responsabilidades e esclarecer posições, pois às vezes certas coisas era eu quem pensava, realizava ou propunha, devendo, portanto, ser

separado do coletivo, entidade ou grupo, como frequentemente acontece em atividades de vários organismos, onde o nós é quem norteia tudo.” (Idem: 13-4)

O primeiro parágrafo deste trecho nos mostra o apelo da raridade do depoimento. Já o segundo parágrafo, se aproxima da narração de Graciliano Ramos, que também foge do “pronomezinho irritante” (RAMOS; 1982, vol.I: 37) Porém, diferente de Ramos, Lima faz questão de se diferenciar quando for necessário, ou seja, quando sua atuação política foi importante para os rumos do partido. Isso se deve pelo fato de ter, em algum momento, deixado a militância do PCB.

Passados alguns anos, acredita que vai apresentar uma interpretação mais clara dos acontecimentos de que tomou parte. E poderá avaliar estes momentos sob o prisma da atualidade, como um resultado de experiência vivida.

Este livro também é publicado pela Brasiliense, fundada em 1943, por Caio Prado Júnior em parceria com Monteiro Lobato e Arthur Neves. Embora Caio Prado Júnior fosse diretor da editora e comunista, seu selo era completamente autônomo, publicando livros também com outras direções políticas. O livro também recebe na capa o selo do Arquivo de História Social Edgard Leuenroth (AEL), da UNICAMP.⁹ Este arquivo foi criado em 1973, depois da doação dos documentos de alguns intelectuais militantes à universidade, entre os quais os que lhe conferiu o nome. Ainda hoje é um espaço de construção de pensamento importante na instituição. Provavelmente foi uma parceria entre o AEL e a Brasiliense. No site da Brasiliense não se encontra mais o livro no catálogo.

Conclusão

Depois de apresentados todos os autores, bem como suas obras e suas editoras, podemos fazer aqui, uma análise global. Como dito anteriormente, cada livro foi influenciando o próximo, sendo Graciliano Ramos o mais lido dentre eles, não apenas por ter sido o primeiro, mas também dada a sua fama. Agildo Barata chega a citar o livro e a acusar Graciliano Ramos de não fazer parte da vida presidiária. (BARATA; 1962: 305) Isso provavelmente se dá porque Graciliano, além de tecer algumas críticas a Barata, também não se entende muito com o coletivo, órgão extremamente defendido por Barata como mantenedor

⁹ http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/

da ação política dentro do presídio. Heitor Lima também, como já dissemos, pode ter sido influenciado pelas palavras de Graciliano e pela tentativa de não falar na primeira pessoa.

No geral, conforme as obras vão sendo lançadas, os outros militantes começam a ver a interpretação de cada um em relação a determinados acontecimentos. Ainda que não seja explícito, tais reconstruções são sempre interpretadas e absorvidas de alguma forma, o que influenciou na escrita da sua própria memória. Por exemplo, as memórias de Heitor Lima, já do ano de 1982, depois de outras memórias lançadas, se propõe como uma mudança de discurso nunca antes divulgado. É interessante notar que, esta pretensa visão privilegiada da realidade, não é vista como contraditória com o objetivo de apresentar uma visão neutra, jornalística e historiográfica dos acontecimentos.

Quanto a importância de suas obras, é interessante ver que todos se julgam detentores de alguma verdade, que será mais ou menos explicitada em seu texto. A maioria, à exceção de Graciliano Ramos, também tenta se legitimar enquanto militantes representantes de uma classe trabalhadora e das lutas populares no Brasil. (MATTOS; 2013: 20) Segundo Mattos, principalmente em relação aos depoentes da década de 1970 e 1980, a publicação de tais memórias ressalta, principalmente, a valorização do caráter “heroico” daquela geração; a denúncia da ditadura Vargasista, sobre a qual se construiu sua força política; ressalta a solidariedade e humanidade mesmo nas situações mais extremas; e resgata a memória e a experiência ditatorial de forma a evitar uma repetição. (Idem)

Sobre os motivos que os influenciaram a escrever e publicar tais memórias, precisamos antes fazer uma colocação: o contexto do lançamento do livro de Heron é bem diferente do resto dos autores. Seu livro é uma coletânea de reportagens já publicadas anteriormente, entre 1937 e 1942. Devido à possibilidade de retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República, dessa vez pela eleição democrática, Heron decide publicar de novo estas reportagens, na forma de um livro.

Graciliano Ramos também tem seu livro publicado em outro momento. Podemos conjecturar alguns motivos para tal. Primeiramente, por ser já um escritor, desde o início de sua prisão Graciliano fazia anotações, pensando numa possibilidade de escrever um livro sobre seu cárcere. Pode ser que esta publicação tenha também sido influenciada pelo livro de Jorge Amado, escrito dentro dos moldes do realismo socialista. Não é só a forma de escrita

que vai de encontro ao livro de Amado, mas também sua proposta. Enquanto o *Subterrâneos da liberdade* é escrito como se fosse uma ficção baseada em fatos reais, o livro de Graciliano se propõe um reflexo da realidade, um livro de memórias. Mesmo dizendo que pode ter floreado algumas partes, é, um livro real, um testemunho.

Os outros autores aqui analisados já fazem parte de um grupo com motivações semelhantes. Todos eles eram membros do Partido Comunista do Brasil, e em algum momento, por conta de problemas e diferenças ideológicas saíram. Alguns, como Agildo Barata e Gregório Bezerra, publicam suas memórias logo à época de sua saída. Este grupo escreve tais livros motivado pela necessidade de mostrar à sociedade a convicção de suas lutas, bem como um orgulho da militância e até de terem sido alvo de repressão política. (Idem: 10) Todos procuraram, dessa forma, reivindicar sua participação na luta pela democratização do Estado brasileiro, e da construção do Partido Comunista no Brasil, ao contrário das acusações proferidas pelo PCB quando da dissidência de seus membros.

Bibliografia:

ARARIPE, Flamínio. “Entrevista de Roberto das Neves”. *Revista Planeta*, nº 104 (maio/1981). <http://betodasneves.multiply.com/journal/item/35>. Última consulta em 21/01/2013

BARATA, Agildo. Vida de um revolucionário (memórias). Rio de Janeiro: Ed. Melso. 1962.

BASBAUM, Leôncio. Uma vida em seis tempos: memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1978 (2ª edição revista)

BEZERRA, Gregório. Memórias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979; (2ª edição :Rio de Janeiro: Boitempo, 2011)

BOSI, Alfredo. “A escrita do testemunho em *Memórias do Cárcere*”. *Revista Estudos Avançados* 9 (23). 1995.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV. 2ª edição. 1998..

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. O sociólogo e o historiador. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GENETTE, Gérard. “Introdução”, “O peritexto editorial”, “As funções do prefácio original”. IN.: Paratextos Editoriais. Ateliê Editorial. 2009.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005.

HEINICH, Nathalie. A Sociologia da arte. EDUSC. 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró; BARBOSA, Julia Monnerat; MELLO, Marisa. “Memórias da prisão política sob o regime de Vargas”. IN.: Cadernos da AEL. (no prelo/2013)

MELLO, Marisa Schincariol . “Encarcerando ideias: Graciliano Ramos, Jorge Amado e o realismo socialista (1945-1953)”. IN.: MATTOS, Marcelo Badaró de (org.). Livros Vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil. Rio de Janeiro: Bom Texto; FAPERJ, 2010.

LIMA, Heitor Ferreira. Caminhos percorridos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PINTO, Heron. Nos subterrâneos do Estado Novo. Rio de Janeiro: Germinal. 1950

RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere. Rio, São Paulo: Record, 1982. 15ª edição; prefácio Nelson Werneck Sodré. 2 volumes. (1ª edição: Rio de Janeiro: José Olympio, 1953; 3ª edição: Rio de Janeiro: José Olympio, 1954; 6ª edição: Livraria Martins Editora, s/d.)

Sites:

<http://graciliano.com.br/site/obra/memorias-do-carcere-1953/>, em 20/01/2013

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2716409/dou-secao-1-18-05-1957-pg-63/pdfView>,
20/01/2013

http://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Editorial_Record, em 21/01/2013

http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/, em 21/03/2013

<http://www.boitempo.com/>, em 21/03/2013

<http://www.alfaomega.com.br/>, em 21/03/2013